

Moda e Arte - experiência estética através de um desfile.

Talita Cardoso Borges
Universidade da Região de Joinville – Univille
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC Brasil
talidesigner@yahoo.com.br

Nadja de Carvalho Lamas
Universidade da Região de Joinville -Univille
nadja.carvalho@univille.br

Resumo

Este artigo visa identificar possíveis ligações entre Moda e Arte, analisa suas interfaces e busca elucidar a existência de fronteiras muito tênues entre ambas. Parte-se do entendimento de que um desfile decorre de um gesto poético, ou seja, um ato de criação no campo do sensível, concebido de forma a propiciar experiências estéticas significativas. O objeto de análise foi o trabalho do estilista Jum Nakao, no desfile intitulado “Costura do Invisível”, pois o gesto radical na finalização da sua proposta impactou e afetou a percepção do público e a sua fruição. Gesto este cuja potência é similar a potência transgressora da arte.

Palavras - Chave: Moda. Arte. Experiência Estética.

Abstract

This article aims to identify possible links between Fashion and Art, examines its interfaces and seeks to elucidate the existence of tenuous boundaries between them. Based on the understanding that a parade follows a poetic act, ie an act of creation in the field of sensitive, designed to provide aesthetic experiences meaningful. Object of analysis was the work of designer Jum Nakao, in the parade entitled "Sewing the Invisible" because the radical gesture in finalizing its proposal impacted and affected public perception and its fruition. This gesture whose power is similar to power transgressive art. Key-works: Fashion. Art. Aesthetic Experiences.

INTRODUÇÃO

Ocupando espaços, anteriormente, inimagináveis, a moda passou a ser objeto de estudo, no intuito de compreender as relações que estabelece com outras áreas do conhecimento como: arquitetura, psicologia, sociologia, tecnologia digital, etc. e também com a arte. Nesta perspectiva, este artigo visa compreender como se dá a interface entre moda e arte, como se dá as articulações conceituais e sensíveis a fim de perceber as conexões estabelecidas entre esses dois campos.

Diversos estilistas apresentam suas coleções em desfiles pensados e concebidos com complexidade, no entendimento de que sua elaboração está além do simples vestir. A moda, nesta perspectiva, proporciona experiências estéticas, seja por um desfile, vitrina

assim como uma produção artística o faz.

A inserção da arte na vida cotidiana contribuiu para que o limite entre estas dimensões se tornasse muito tênue, pois se observa um acelerado processo de “estetização” na produção. Percebe-se que a dimensão artística está cada vez mais presente nas coleções e desfiles. As criações estão permeadas de conceitos e características peculiares da arte contemporânea. Tais como conceitos de efemeridade, de construção e desconstrução.

Nem todos os estilistas e suas coleções estabelecem uma relação direta com a arte, porém cada trabalho apresentado, de alguma maneira, proporciona uma experiência estética singular na medida em que afeta individualmente cada observador, assim como o observador é afetado frente a uma obra de arte. Razão pela qual é possível identificar, relações entre “moda”, “arte”, além de identificar a “experiência estética” proporcionada ao sujeito.

1. Conceitos e relações

Considerada como o reflexo da evolução humana, nos mais diversos aspectos, sejam eles: políticos, sociais ou econômicos, a moda também estabelece relações com diferentes culturas, civilizações e costumes. A moda reflete formas de pensar e se apresentar de uma sociedade por meio da linguagem não verbal. Linguagem esta repleta de significações e ambigüidades nos mais diferentes contextos, por esta complexidade torna-se difícil estabelecer um único conceito ou percebê-la por um único viés de análise.

Ao analisarmos a moda do ponto de vista contemporâneo cabe citar Maffezoli:

A moda pode ser um bom ponto de partida [...] De início porque ela está onipresente. Não há nenhum domínio que lhe escape: do mais frívolo àquele tido como o mais sério, encontra-se a necessidade de se identificar. Moda vestimentária, é claro, mas também modas [...] esse fenômeno que, ainda uma vez pode ser considerado como geral, é, além disso englobante [...] A moda poderia ser a primeira camada, ela garante a ligação de todos os elementos disparatados que constituem as características essenciais de uma época. Mas, mais precisamente, dessas épocas que, por razões que é preciso ainda analisar, privilegiam o estar-junto coletivo. (MAFFESOLI, 1996, p. 280-281)

De qualquer forma, no âmbito de um caráter coletivo a moda é considerada, como colocado pelo autor, como “um ponto de partida” para um entendimento muito além do vestir, requer uma compreensão de que ela é uma forma de expressão, evidenciada por

valores, costumes, hábitos, tempo, espaço, poder, etc. Segundo Connor (1993, p. 154) diversos são os contextos que procuram “explicar as formas específicas da moda no mundo pós-moderno [...]”.

Para Sproles (1985), a moda pode ser analisada sob diversas perspectivas: psicológicas, sociológicas, econômicas, estéticas, históricas, culturais, pois há sim uma diversidade de concepções, contextos diversos, cada qual construído por distintos olhares no intuito de melhor conjecturar as características e o contexto no qual a moda está inserida. No entanto em que momento identificamos que efetivamente pode ser ou não moda? Barnard (2006, p.36) argumenta que “Só o contexto permite a identificação de uma peça de roupa como moda ou não-moda, assim como é somente o contexto permite identificar o significado correto dessas palavras.”

Os conceitos relacionados à arte, em particular a contemporânea, são complexos e pressupõe um espectador sensível e embasado conceitualmente. Com relação à moda não é diferente, significá-la é igualmente complexo. Marcel Duchamp, artista que num gesto ousado e irônico causou um deslocamento dos conceitos pré-estabelecidos e cristalizados sobre a arte, gerou por consequência a busca de novos significados e como resultado deste deslocamento outros questionamentos surgem, impõem a reflexão e a questão que se coloca é – o que é ou não arte?

Em contrapartida a arte faz parte da criação humana e agrega princípios, como: serenidade, equilíbrio e harmonia, tais valores de beleza são herança do ideal grego de arte, a arte clássica. O modernismo rompeu com esta concepção ao voltar-se para as questões inerentes a própria arte e hoje, numa perspectiva contemporânea, a arte tem um forte teor conceitual, no qual a ideia, o conceito, vai além do resultado físico da obra, além do saber fazer.

A arte é uma atividade humana e está ligada às manifestações da ordem do estético e é produzida por artistas. A estética, por sua vez, vem do grego *aísthesis* que significa sensação, sensibilidade, emoção. Sendo assim, o artístico está na ordem do fazer e o estético pertence à outra dimensão, a da percepção, das emoções e das idéias, esta relação faz com que diferentes sujeitos, tenham diferentes experiências estéticas frente à mesma obra. Para Pareyson (1984, p. 30) “A arte tem um caráter expressivo.”

Dewey (1974, p.258) afirma: “O processo da arte na produção está relacionado organicamente com o estético na percepção (...)”. Portanto, por ter esta ligação é considerada uma faculdade, muitas vezes definida como: intuição, projeção, evasão, sublimação, expressão etc. uma forma de dar beleza ao mundo material ou imaterial, de

produzir experiências, experiências estéticas. E o que vem a ser a experiência estética? Para seu entendimento buscou-se apoio na hermenêutica, como opção conceitual, para a compreensão da possível relação entre moda e arte.

Para Gadamer (2010, p.4) “a hermenêutica é a arte de explicar e de mediar com base em um esforço interpretativo o que é dito pelos outros e o que vem ao nosso encontro no interior da tradição, sempre que o que é dito não é imediatamente compreensível.” Este esforço interpretativo é o gesto norteador neste exercício de busca da compreensão da relação entre moda e arte. Pois tanto a moda como a arte proporcionam experiências sensíveis para o sujeito e cada pessoa possui uma fruição individual. A experiência estética não é pragmática, permite múltiplas interpretações, pois o objeto investigado é polissêmico e aberto, razão pela qual a hermenêutica contribui para compreendê-la. A hermenêutica enquanto uma teoria da interpretação possibilita elementos para a apropriação da experiência estética. A relação entre estética e hermenêutica se dá pela obra.

Todas estas analogias visam esclarecer, como retrata Valverde (2007,p.15) que “a experiência estética é o limite para o qual tende toda experiência e sem o qual ela não seria capaz de provocar efeitos e *fazer sentido*”.

2. Fronteiras Tênuas: Moda e Arte

Mobilizada por estas reflexões e atenta ao mundo da moda é possível observar que a moda está inserida, nos mais diferentes contextos, e cabe uma análise diante de alguns.

Hoje as fronteiras entre a arte e a vida cotidiana é cada vez mais tênue, os espaços sacralizados e instâncias de legitimação da arte, como museus, não se restringem mais a expor somente obras de arte, pois sua concepção está alargada. Tanto que é importante destacar a presença da moda nos museus e galerias de arte, razão pela qual tem sido entendida como manifestação artística. O modo como certas coleções são concebidas e exibidas estabelece relações que a elevam a condição de ser tratada como arte. Muito se dá pela elaboração cujo fazer contempla e por proporcionar a experiência estética.

Obras consagradas também servem de inspiração para estilistas. Isto ocorre quando a moda se apropria da arte para suas criações. Segundo Pezzolo (2013, p185) “Yves Saint Laurence foi o estilista que mais valorizou as artes plásticas, criando modelos como formas de homenagens” como por exemplo: os quadros Girassóis (1888 e 1889) de

Van Gogh e a obra Iris (1889) de Claude Monet serviram como inspiração para criação de suas jaquetas; Mondrian e Matisse também serviram de inspiração para o estilista.

Outro aspecto a se destacar no que diz respeito às fronteiras entre moda e arte, é quando estas se fundem e tornam-se um só produto:

Numa derivativa da moda inspirada na arte, existe aquela em que as roupas servem para base de pinturas, como se fossem telas. Peças mostradas em passarelas mais parecem arte para ser usada do que propriamente roupa. (id., ibid., p.189)

Há o entendimento da relação entre moda e arte pois ambas partem da criação, do imaginário, mas principalmente da “intimidade” com o ato do fazer, no sentido do verbo grego *poiën* – fazer – um fazer com uma dimensão diferente do fazer cotidiano, pois está relacionado com a criação, cuja produção está envolta com a sensibilidade. Percebe-se então que o rito do fazer tanto na moda quanto na arte possuem relação similar e ambas lidam com o processo criativo.

Um resgate, portanto à referência da estética, para Sproles (1985) o modelo estético envolve identificar relações entre movimentos de arte e moda, definições de ideais de beleza que são compartilhados pela arte e a percepção e o aprendizado estético. Porém, a poiética é do campo do artístico, da criação. Já a estética é do campo da percepção, do sensível. E o processo de criação não está no estético, mas sim na relação com a poiética. E faz jus mencionar a importância do fazer, do criar, do sensível tanto para a moda quanto para a arte.

Sendo assim, a partir da inserção no mundo artístico percebe-se que a moda apresenta conceitos e pré-conceitos semelhantes à arte, arquitetura e design. Suas características estão relacionadas a conceitos como: funcionalidade, estética, composição e outros elementos que caracterizam estas áreas.

Há também uma relação com a concepção pós-moderna junto a alguns desfiles de moda e as criações dos estilistas, suas manifestações, o modo de fazer, seus valores estéticos, ideais de beleza, a significância de belo e experiências estéticas aos olhos do observador, seja ele entendedor ou não, porém acontecem de forma espontânea através de discursos não verbais, figurativos que apresentam significados de valor em uma roupa, acessório, etc.

Moda e arte assumem papéis muitas vezes de construção e desconstrução de valores e paradigmas. No intuito de imbricar ainda mais o filósofo Manuel F. Junco (1996, p. 34) faz uma reflexão interessante entre moda e arte: “conseguir estabelecer uma ponte

entre a beleza e a vida. A moda é uma arte que se usa, que se leva para a rua; é uma arte de consumo a que todos têm acesso”.

E diante desta acessibilidade, ainda é possível referenciar suas veiculações através de linguagens da comunicação pós-modernas como as mídias e as redes sociais... Neste caso, o foco é o desfile de moda e todo o entorno do fazer, do processo criativo, do apresentar ao mundo para que a moda veio, e a linguagem veiculada permite novas transformações a cada coleção, resultado do trabalho realizado por um estilista assim como o trabalho de um artista frente à sua obra. E neste sentido alguns desfiles beiram a espetacularização, assim como a arte.

3. Moda e arte na prática: análise “A costura do Invisível” - Jum Nakao

O desfile “Costura do Invisível” (2004) do Estilista Jum Nakao representa as relações entre moda e arte, referenciando: o fazer, o processo criativo, a estética, o discurso não verbal, mas principalmente a questão da experiência estética e a fruição das pessoas que assistiram, estudam e tem contato com este trabalho.

A literatura, considerada uma arte, também serve de instrumento para que moda e arte dialoguem, sendo assim as repercussões resultantes deste trabalho resultou na elaboração de um livro, em que de forma literária a arte e a moda puderam ser expressas e imortalizadas. Outra produção foi a produção de um documentário sobre este trabalho, mostrando mais uma vez a relação entre arte e moda.

Numa análise, é possível perceber a complexidade envolvida na concepção deste trabalho, que está repleto de emoções e significações. O processo foi minucioso; repleto de detalhes e de entendimento sobre o objeto a ser trabalhado, no caso o papel vegetal, assim como a elaboração do desfile.

Durante o processo criativo o estilista frente a um busto pode ser comparado ao artista quando em frente a uma tela em branco, por exemplo, pois ambos estão dispostos a exteriorizar sensações e emoções em seu trabalho e a evolução do trabalho se dá em diferentes etapas.

A partir deste momento, começam a aparecer os valores artísticos, as manifestações provenientes destes valores ou não, mas que envolvem o fazer, os ideais de beleza.

Voltando ao objeto em análise a imagem abaixo, mostra os valores artísticos que foram atribuídos à coleção e lhe deram forma:



Fig. 1: Formas
Fonte: anacarolinapinheiro.blogspot, 2013.

Durante a apresentação deste desfile, foi possível perceber momentos divergentes e que resultaram em diversas experiências estéticas do início ao fim deste trabalho. Em um primeiro momento, existe a música. A música, expressão artística, que permeia todo o desfile e tem uma orientação, tem entonação e evoca as sensações em torno do desfile.

As modelos desfilam as roupas como “obras de arte” (sentido figurativo) minuciosamente trabalhadas, porém este desfile foi construído e apresentado de forma teatral. As modelos pareciam representar. Suas feições, maquiagem - a boca preta, o rosto pálido como o de um “palhaço” - o cabelo substituído por peruca assim como o andar - representam bonecos “Playmobil”. Toda esta representação reporta a um trabalho teatral, o que aproxima a inserção da arte com o contexto da moda.

Desta forma, a evolução do desfile se dá ao diversificar as significações e a compreensão de quem assiste. Nas imagens abaixo, é possível verificar a evolução, toda a linguagem não verbal transmitida durante o desfile:



Fig 2. Evolução do desfile
Fonte: modamixbrasilfitness.blogspot

Este desfile está constituído por diversas experiências estéticas que corroboraram com as sensações vivenciadas por criadores, modelos, espectadores, críticos, etc. Neste desfile cada pessoa vivenciou uma experiência própria. Como mencionado anteriormente, o desfile decorreu até certo ponto de forma a proporcionar um tipo de experiência, onde música e teatralidade estavam de acordo com a proposta do estilista e que no decorrer sofreram alterações quando as modelos de repente rasgaram as roupas sob o som dramático, onde a música muda de entonação para acrescentar outra forma de experiência estética.



Fig 3: Desfile – construção e desconstrução
Fonte: evariado.wordpress

Jum Nakao, fez um vídeo e um documentário onde todas estas experiências foram registradas. Neste documentário é possível verificar o impacto que as pessoas tiveram ao deparar com as roupas sendo rasgadas em plena passarela, as experiências estéticas percebidas foram pessoas cheias de expressões e sensações. As pessoas ficaram chocadas; perplexas; surpresas; assustadas; outras que sorriam, guardavam pedaços das roupas rasgadas, etc. Durante toda a evolução do desfile experiências estéticas permitiram aos espectadores do desfile, fruições inimagináveis.

O desfile apresentado é constituído de “roupas” elaboradas com muita leveza e beleza, no entanto, o estilista colocou o elemento efêmero e transitório da moda como algo impactante, cujo efeito estético tão intenso só pode ser similar a potência da arte. A dimensão transgressora inerente a arte manifestou-se na sua plenitude neste desfile de moda, Jum Nakao evidenciou a intimidade entre – moda e arte. As fronteiras entre moda e arte podem ser tênues, entretanto quando o gesto criativo na moda tem similaridade com o gesto criativo na arte as fronteiras se desfazem, então moda e arte tem a mesma dimensão, e propiciam uma experiência estética plena.

Conclusão

O estudo mostrou que as fronteiras entre ambas são tênues e por vezes imbricadas na forma como o estilista e o artista desenvolvem suas construções. O significativo neste trabalho foi a possibilidade que ambas proporcionam referente às experiências estéticas vindos de uma ferramenta de moda, o desfile, mas um desfile, um trabalho de criação cuja arte está representada de diversas formas, seja pelo teatro, música, literatura, etc.

O desfile foi apresentado com leveza e beleza clássica, o elemento efêmero, característica da moda, foi tratado como algo que pode permanecer (arte). E é propício atribuir a importância da arte para a representatividade do trabalho, neste desfile de moda, imortalizando uma relação entre moda e arte.

Referências Bibliográficas:

BARNARD, Malcom. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

DEWEY, John. A Arte como experiência In: **Os Pensadores**. Trad. Murilo Leme. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1974.

FONTÁN DE JUNCO, Manuel. **Profundidades del diseño y permanencia de la moda**. Departamento de estudios BBV Bilbao 1996, p. 34.

MATTOS, Fernanda. **Quadro comparativo (tabela) confrontando as principais características das estéticas de Platão e Aristóteles**. Disponível em: <http://modamixbrasilfitness.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html> Extraído: 17 maio 2013.

ONISHI, Claudia. **A Costura do Invisível**. Disponível em: <<http://claudiaonishi.wordpress.com/page/2/>>. Extraído em: 17 maio 2013.

PINHEIRO, Ana Carolina. **A costura do Invisível x o artista e o artesão**. Disponível em: <<http://anacarolinampinheiro.blogspot.com.br/2010/05/costura-do-invisivel-x-o-artista-e-o.html>> Extraído em: 17 maio 2013.

GADAMER, Hans Georg. **Hermenêutica da obra de arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VALVERDE, Monclar. **Estética da comunicação**. Salvador, Quarteto. 2007.

SAMPAIO, Roberta. **Jum Nakao e a costura do invisível**. Disponível em: <<http://evariado.wordpress.com/2010/04/05/jum-nakao-e-sua-costura-do-invisivel/>>.

Extraído em: 17 maio 2013.

SPROLES, G. B. Behavioral science theories of fashion in **The psychology of fashion**.

Ed. Michael R. Solomon, USA: Lexington Books, 1985.